

## DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES EM ESCOLAS DE COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DA CIDADE DE PELOTAS - RS.

**CRISTIANE BARTZ DE ÁVILA<sup>1</sup>**; **ÁLVARO MOREIRA HYPOLITO<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas/FAE 1 – crisbartz40@yahoo.com.br* 1

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas/FAE – hypolito@ufpel.edu.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte do projeto de pesquisa de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, que tem como foco principal as Comunidades Negras Rurais<sup>1</sup> da zona rural do município de Pelotas-RS<sup>2</sup>. Também denominada “região da colônia de Pelotas”, é parte de um território maior denominado Serra dos Tapes, que abrange outros municípios e tem uma importância econômica, histórica e social em razão da ação humana que foi constituindo assim a Paisagem Cultural da região. Pretendemos realizar intervenções nas Escolas que atendem as Comunidades Negras Rurais Vó Elvira, Alto do Caixão e Algodão, a fim de investigar como as diretrizes curriculares sobre educação escolar quilombola são implementadas. Utilizaremos o método de pesquisa ação<sup>3</sup>, que tem como princípio a participação da pesquisadora como educadora nas ações desenvolvidas, com base de conhecimentos de educação patrimonial junto às escolas, com educadores, educandos e membros da comunidade.

Segundo HAERTER, NUNES e CUNHA (2013, p.273), a construção das diretrizes curriculares para a educação quilombola tem como objetivos, dentre outros: c) Promover a formação específica e diferenciada (inicial e continuada) aos/as profissionais das escolas quilombolas, propiciando a elaboração de materiais didático-pedagógicos contextualizados com a identidade étnico-racial do grupo.

As diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola na educação básica (2012) denotam a importância de se organizar o currículo das escolas que atentem às comunidades negras rurais fundamentando-se na memória coletiva, nas línguas reminiscentes, nos marcos civilizatórios, nas práticas culturais, nas tecnologias e formas de produção de trabalho, nos acervos e repertórios orais, nos festejos, usos e tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural, assim como na territorialidade.

<sup>1</sup> Optamos pela denominação Comunidade Negra Rural para diferenciar dos antigos Quilombos, pois nem todas as comunidades da atualidade tem sua origem atrelada aos escravos que fugiam durante a escravidão.

<sup>2</sup> Atualmente existem três Comunidades Negras Rurais com certificação da Fundação Cultural Palmares em Pelotas-RS: Alto do Caixão, Algodão e Vó Elvira.

<sup>3</sup> Segundo THIOLLENT (1996, p.13) “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou tem a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo [...] a pesquisa-ação é vista como forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares. Esse engajamento é constitutivo de uma boa parte das propostas de pesquisa-ação e pesquisa participante, tais como são conhecidas na América Latina e em outros países do Terceiro Mundo [...] Os valores vigentes em cada sociedade e em cada setor de atuação alteram sensivelmente o teor das propostas de pesquisa-ação.”

Dessa maneira, acreditamos que uma investigação que contribua para a elaboração de materiais didático-pedagógicos a partir das fontes indicadas pelas próprias comunidades negras rurais seja uma ação que possa vir ao encontro da legislação, dos anseios dos grupos que participaram da construção coletiva da mesma, de um grupo significativo de professores e das próprias Comunidades.<sup>4</sup>

## 2. METODOLOGIA

Seguindo o processo de pesquisa-ação, os professores serão convidados a usar de técnicas de educação patrimonial para investigar junto aos alunos histórias de vida, lugares de memória importantes para a comunidade escolar, montando assim, um itinerário de memória que relembrre a experiência escrava e/ou quilombola da região. A partir dos relatos, os docentes serão convidados a produzir material didático-pedagógico adequado às suas turmas para socializarem as informações que a própria comunidade disponibilizou.

Buscaremos, por meio de entrevistas semiestruturadas, relatos dos professores envolvidos, bem como de alunos e responsáveis por estes, investigar sobre a sua percepção do trabalho desenvolvido em relação ao cumprimento das diretrizes curriculares para a educação quilombola.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estamos numa etapa inicial de coleta de dados bibliográficos e estudo para reestruturação do presente projeto. Contatos informais têm sido mantidos com as comunidades por intermédio da participação de eventos realizados nas localidades objetos de pesquisa, bem como vínculos estabelecidos com as direções de duas escolas que atendem as Comunidades Negras Rurais.

No que se refere à análise de conceitos teóricos, temos nos debruçado nos estudos sobre o currículo, com destaque para Tomaz Tadeu da Silva (2005) que traça um panorama de autores que teorizaram sobre o currículo. Em outro texto, o mesmo autor (2000, p.99) trabalha com conceitos da diversidade cultural, esclarece que ao longo do tempo são as instituições as responsáveis pela fixação das identidades culturais, e aponta que a diáspora africana desestabilizou as identidades e contribuiu para a miscigenação, sincretismo e crioulização<sup>5</sup> culturais. Esses fatores abalaram tanto as identidades homogêneas quanto as identidades subordinadas. Assim, Silva trabalha na perspectiva que pode dar suporte a uma história contada desde o ponto de vista dos subordinados, dos novos sujeitos, perspectiva adotada por esta seria a proposta da presente pesquisa.

De acordo com o exposto acima, pretende-se também analisar a nova Base Nacional Comum Curricular que está sendo proposta, num debate bastante recente, a qual tem sido objeto de muitas discussões. Essa proposta governamental parece vir de encontro às diretrizes curriculares nacionais para a

<sup>4</sup> Neste sentido apontamos iniciativa de um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Pelotas, cujo projeto de extensão denominou-se: Cultura, Terra e Resistência que reuniu professores, mantenedoras e Comunidades Negras Rurais da zona sul do Estado no sentido de discutir diretrizes curriculares para a educação quilombola. Ver em: CUNHA & NUNES, 2010.

<sup>5</sup> Segundo um dicionário online, *crioulização* é processo de formação de crioulos ou adoção de uma língua estrangeira por uma comunidade, que é a mescla com o seu próprio idioma, criando um léxico e uma gramática mais ou menos distintos dos originais (INFOPÉDIA). Entretanto, os estudos sobre a crioulização no Brasil dizem respeito a uma hibridização de culturas. Numa perspectiva acadêmica, Price (2003) trabalha com dois conceitos: a crioulização cultural e a crioulização demográfica.

educação escolar quilombola, tendo em vista ter como premissa um currículo unificado para todo o país.<sup>6</sup>

Segundo debates atuais em âmbito nacional e internacional a perspectiva gerencialista introduzida a partir dos anos 90 num contexto de globalização, pensa a educação em termos de resultados eficientes. Segundo a autora Dalila Andrade Oliveira (2015) o termo internacional NGP (Nova Gestão Pública) tem sido introduzido no Brasil, mais especificamente na área da educação, e tem uma perspectiva gerencial-capitalista. Entretanto, continuam existindo escolas para classes sociais diferenciadas transferindo-se a culpabilidade do fracasso escolar nas escolas de periferia para a comunidade escolar: aluno, família e escola. Na maioria dos casos as escolas precisam tornar-se treinadoras para passar nos testes que o governo promove. São testes que medem a qualidade da educação numa perspectiva de mercado, não levando em conta as diversidades regionais que existem em todo país. As escolas capazes de treinar seus alunos para responder adequadamente os testes, geralmente se caracterizam por ter melhor infraestrutura, tanto de recursos físicos quanto de recursos humanos. Tais escolas são premiadas e valorizadas, enquanto aquelas que enfrentam dificuldades são cobradas por não estarem realizando seu trabalho de modo satisfatório. Nesta perspectiva é que questionamos a Nova Base Nacional Comum Curricular e defendemos um currículo pensado pelos atores sociais locais, cada um com suas características peculiares, como é o caso das Comunidades Negras Rurais de nosso município.<sup>7</sup>

#### 4. CONCLUSÕES

A intenção é que o corpo docente das escolas, juntamente com os pesquisadores, avaliem se durante o processo de ensino-aprendizagem as ações efetuadas contribuíram ou não para o empoderamento da comunidade escolar a respeito de sua história e memória.

Também se faz importante avaliar se houve um processo de fortalecimento da identidade das comunidades negras rurais atendidas pelas escolas participantes do projeto. Ao defender o que estabelece as diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola na educação básica<sup>8</sup> acredita-se que possa ser estabelecido um vínculo da escola com a comunidade, fazendo com que as crianças sintam-se contempladas em discussões que enfatizem suas demandas sociais num debate intercultural que dê voz ao “outro”.<sup>9</sup> (APPADURAI, 2009).

<sup>6</sup>Embora no endereço eletrônico do MEC (Ministério da Educação) a nova base nacional comum curricular apregoe que se abra espaço para a cultura local, a questão a ser discutida é a imposição de uma extensa lista de conteúdos a serem vencidos pelos educadores a fim de preparar os educandos para os testes nacionais, deixando de lado o local, devido ao fator tempo. Conforme: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>

<sup>7</sup>Em pesquisa de campo, uma das reivindicações das Comunidades Negras Rurais é uma escola rural na localidade, nos moldes do IFSUL (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense) campus CAVG (Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça), o qual tem os cursos técnicos ligados ao meio rural. Ver: Ávila, 2014.

<sup>8</sup> Esta defende a construção de um currículo que dê atenção às especificidades culturais das comunidades locais.

<sup>9</sup>Neste caso, o “outro” a que nos referimos é o aluno da Comunidade Negra Rural, pois segundo pesquisas realizadas durante o mestrado acadêmico (Ávila, 2014) e também durante trabalho de um dos pesquisadores em sala de aula, em geral as crianças destas comunidades negras rurais não falam sobre suas tradições, pois houve um apagamento de suas memórias durante o processo pós-abolição que perdurou até poucos anos atrás. Ver: Ávila 2014.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. **O Medo ao Pequeno Número**: ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.

ÁVILA, C. B. **Entre esquecimentos e silêncios: Manuel Padeiro e a memória da escravidão no distrito de Quilombo, Pelotas, RS.** 2014. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Acessado em 13 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>

**.Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.** Resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012. Acessado em 10 out. 2015. Online. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>

HAERTER, L., NUNES, G.H.L. & CUNHA, D.T.R. Refletindo acerca da Contribuição da Cultura Quilombola aos Currículos da Educação Básica Brasileira, através da presença da história da África e Afrobrasileira. **Identidade**. São Leopoldo. V.18, n.03. Ed.especial, pg.267-278.dez.2013.

NUNES, G.H.L., CUNHA, D.T.R. Cultura, terra e resistência. **XIX CIC & XII ENPÓS**. UFPel. 2010. Acessado em 13 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://quilombos.ufpel.edu.br/uploads/publicacoes/rsgATt.pdf>

INFOPÉDIA, **Crioulização**. Porto: Porto Editora,2003-2014. Acessado em: 13 fev. 2014. Online. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/linguaportuguesa/criouliza%C3%A7%C3%A3o;jsessionid=ZR7qecg53tq2J3oqNnCjcQ> .

OLIVEIRA, D. A. Nova gestão pública e governos democrático-populares: contradições entre a busca da eficiência e a ampliação do direito à educação. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 36, nº. 132, p. 625-646, jul.-set., 2015

PRICE, Richard. O milagre da crioulização: retrospectiva, **Estudos Afro-Asiáticos**, vol. 25, no 3 (2003), pp. 383-419. Acessado em 13 fev. 2014. Online. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eaa/v25n3/a02v25n3.pdf>

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

**. Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do Currículo.** 2ª ed.Belo Horizonte: Autêntica,2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 7º edição. Editora São Paulo: Cortez; 1996.